



# 9ª Jornada Científica e Tecnológica do IFSULDEMINAS

## 6º Simpósio da Pós-Graduação

### INCLUSÃO NO ENSINO SUPERIOR NO IFSULDEMINAS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

**Ana Paula FIGUEIREDO<sup>1</sup>; Ieda M. KAWASHITA<sup>2</sup>; Fabiana L. de OLIVEIRA<sup>3</sup>**

#### RESUMO

O NAPNE do IFSULDEMINAS- Campus Muzambinho na perspectiva de ampliar e facilitar o processo de inclusão de uma aluna que apresenta deficiência intelectual optou pela atuação de monitores específicos que atenderiam somente a educanda em questão. Nesse contexto, o presente trabalho relata sobre as experiências vividas por uma monitora. Foi possível concluir que ocorreu um aprendizado, ainda que este tenha se dado em um espaço temporal longo e com limitações.

**Palavras-chave:** Monitora; deficiência; intelectual; aprendizagem.

#### 1. INTRODUÇÃO

O âmbito educacional é fundamental para exercitar nos indivíduos o respeito ao próximo, aos seus limites e ao tempo de cada um no processo de ensino aprendizagem (FARIA et al., 2017). Desse modo, o corpo de representantes do Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Específicas (NAPNE) do IFSULDEMINAS - *Campus* Muzambinho trabalha nessa perspectiva e conta com a participação de monitores junto ao processo de inclusão. O NAPNE visa a inclusão de indivíduos com deficiência físico-motora, cegos ou com visão subnormal, surdos ou com resíduos auditivos, dificuldades de aprendizado, condutas típicas, síndromes e superdotação (BRASIL, 2014).

Segundo a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, Lei 13.146/2015, o governo e os sistemas de ensino devem promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais do indivíduo que apresenta deficiência, objetivando à sua inclusão social e cidadania (BRASIL, 2015).

Neste contexto, deve-se buscar alternativas de promoção a inclusão, tendo em vista a realidade de cada instituição de ensino. Os monitores poderiam receber uma bolsa ou como foi o caso da monitora em questão, serem voluntários. A monitora contemplada atuou com uma aluna da Medicina Veterinária que apresenta deficiência intelectual e também deficiência motora, esta faz

<sup>1</sup> Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais – Campus Muzambinho. Muzambinho/MG. E-mail: anapaulaborges150@hotmail.com

<sup>2</sup> Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais – Campus Muzambinho. Muzambinho/MG. E-mail: iedamsk@gmail.com

<sup>3</sup> Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais – Campus Muzambinho. Muzambinho/MG. E-mail: fabilucio@gmail.com



# 9ª Jornada Científica e Tecnológica do IFSULDEMINAS

## 6º Simpósio da Pós-Graduação

com que a estudante tenha tremores nas mãos o que dificulta a escrita e o manejo com objetos como o microscópio. A área de atuação foi a das disciplinas de Histologia e Embriologia.

De acordo com Dias e Oliveira (2013), ainda presenciamos concepções que descrevem a deficiência intelectual com um caráter de déficit permanente. No entanto, em uma perspectiva de caráter histórico-cultural, a natureza dessa deficiência permeia por outros conceitos, proporcionando vidas diferenciadas e autônomas às pessoas. Nesta perspectiva, a deficiência constitui uma possibilidade de progresso, que se constrói no entrelaçamento dialético entre as condições ambientais, histórico-culturais e subjetivas dos indivíduos, que outrora foram diagnosticados com deficiência intelectual, deixando de ser vista como algo que apenas restringi.

Este trabalho teve como objetivo relatar as experiências vividas pela monitora de uma estudante que possui deficiência intelectual, mostrando o olhar de uma acadêmica para outra acadêmica e o quanto essa relação pode ser proveitosa para ambas às partes.

## 2. MATERIAL E MÉTODOS

O presente trabalho foi desenvolvido com uma estudante do Curso de Medicina Veterinária do IFSULDEMINAS – *Campus* Muzambinho, onde teve a atuação em conjunto do corpo de participantes do NAPNE, do Professor ministrante da disciplina de Histologia e Embriologia e de monitores. As monitorias eram realizadas com o intermédio do Professor, uma vez que eram trabalhados conteúdos que já tinham sido abordados pelo mesmo, como por exemplo, pode-se citar os tipos de células, sistema hematopoiético, sistema nervoso, sistema circulatório, sistema digestório e sistema respiratório.

Foram utilizados vários recursos como vídeos, jogos, textos, questionários e apresentações em slides. Os jogos constituíam uma estratégia para recapitulação e fechamento de conteúdos, assim como os questionários.

Textos e apresentações em slides integraram métodos para introdução de conteúdos. Os slides foram confeccionados com o máximo de imagens possíveis e o textos utilizados pertencem ao livro *Texto – Atlas de Histologia Básica* de autoria de Junqueira e Carneiro (2013).

Como exemplos de jogos utilizados pode-se citar o Caça-palavras, o “Jogo do Quem Sou



# 9ª Jornada Científica e Tecnológica do IFSULDEMINAS

## 6º Simpósio da Pós-Graduação

Eu?” e o jogo de “Ache o Par Correspondente”.

A carga horária da monitoria em questão foi de 40 horas mensais, distribuídas durante cada semana. A aluna atendida possuía uma flexibilização curricular, cursava um menor número de disciplinas para ter tempo de fazer as monitorias. No contexto da educação inclusiva, entende-se a flexibilização como a resposta educativa que é dada pela a instituição para atender os anseios educativos de um aluno, mas isso não significa que o currículo torna-se reduzido ou simplificado, mas sim, acessível (Lopes, 2008).

As monitorias aconteciam conforme o desempenho da aluna em questão, onde primeiramente eram apresentadas informações mais simples e posteriormente as mais complexas.

### **3. RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Após a utilização de várias metodologias, percebeu-se que a orientanda possui dificuldades em compreender textos e em guardar conteúdos, uma vez que foram necessárias 20 horas de estudo dedicadas ao entendimento sobre o tema células procariontes e eucariontes. A acadêmica parecia entender a explicação, mas quando a monitora pedia pra ela explicar sobre tais células, poucas eram as informações relatas.

A educanda se mostrava muito animada em trabalhar com os jogos e o seu preferido foi o de Caça – palavras, onde a mesma precisava responder as questões do jogo e posteriormente marcá-las nos quadrantes. As questões eram referentes aos conteúdos abordados anteriormente e de 10 questões a aluna lembrava-se da resposta de apenas 4, as outras 6 questões eram respondidas com dicas da monitora.

Quando se utilizou de textos do livro, ao fim de cada conteúdo foi proposto a formulação de um resumo. Esse era feito quase sempre com palavras copiadas do próprio livro e não apresentava às informações organizadas de forma lógica, em alguns momentos a orientanda não foi capaz de explicar o porquê de ter usado tal palavra.

Pode-se conceber a hipótese de que as pessoas com deficiência intelectual são percebidas pela sociedade, no caso a escola, como sendo incapazes, uma vez que a educanda em questão não tinha o hábito de estudar e também não apresentava nenhuma forma própria para tal ato. O que contraria o conceito de deficiência apresentado por Dias e Oliveira (2013), na perspectiva histórico-



# 9ª Jornada Científica e Tecnológica do IFSULDEMINAS

## 6º Simpósio da Pós-Graduação

cultural, compreende-se que as escolas ainda compreendem a deficiência intelectual na perspectiva médica, que não ponderam as relações entre o meio ambiente da pessoa com deficiência, não dando acesso ao conhecimento a este público.

#### 4. CONCLUSÕES

Diante da experiência conclui-se que houve um aprendizado, ainda que este tenha ocorrido em um espaço temporal longo e com algumas limitações. Estas se referem principalmente à quantidade de informações e ao grau de complexidade que a estudante conseguiu absorver. Para a monitora que realizou as intervenções a experiência foi muito proveitosa, pois esta percebeu que cada um tem um tempo de aprendizagem, um modo de conceber as informações e que, em muitas das situações, é preciso recomeçar e tentar novamente.

#### REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)**. 2005. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm)>. Acesso em: 14 jun. 2017.

BRASIL (Org.). **Núcleo de apoio às pessoas com necessidades especiais**. 2014. Disponível em: <<http://www.prograd.ufpr.br/portal/cepigrad/napne/>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

DIAS, Sueli de Souza; OLIVEIRA, Maria Cláudia Santos Lopes de. **Deficiência intelectual na perspectiva histórico-cultural: contribuições ao estudo do desenvolvimento adulto**. 2013. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-65382013000200003](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382013000200003)>. Acesso em: 28 jun. 2017.

LOPES, Esther. **Flexibilização curricular: um caminho para o atendimento de aluno com deficiência, nas classes comuns da Educação Básica**. 2008. Disponível em: <[http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes\\_pde/artigo\\_esther\\_lopes.pdf](http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes_pde/artigo_esther_lopes.pdf)>. Acesso em: 22 ago. 2017.

FARIA, Sibelle et al. **Formação interna no ensino médio incentiva busca por práticas inclusivas**. 2017. Disponível em: <<http://diversa.org.br/relatos-de-experiencia/formacao-interna-ensino-medio-incentiva-busca-praticas-inclusivas/>>. Acesso em: 13 jun. 2017.